

Miguel Rio Branco

Maldicidade

exposição individual, acompanhada de lançamento do livro homônimo

05 Junho — 27 Julho 2019

Sala 01

Press Release

“Como uma constelação de flagrantes da entropia da urbanidade em metrópoles distribuídas em latitudes e longitudes variadas, ainda que o olho-razão não resista a procurar pistas de quais cidades e países produziram os espaços retratados, diante de *Maldicidade* é importante o momento em que o olho-pele assume a impossibilidade da tarefa e percebe que a cidade é uma só, afinal: Qual grande metrópole, se pensada em sua história recente e em sua extensão territorial, pode dizer que desconhece essas imagens? (...) ‘Murió El Cuerpo’, estampa o jornal na mão do menino recostado à margem de um assentamento precário. É difícil entender a quem a manchete originalmente se referia, mas, nesse contexto, é o corpo da chamada civilização ocidental que, tendo alcançado escala e poder inéditos na história do planeta, colapsa esmagada sob o próprio peso dos ideais que alimentou”, escreve o curador Paulo Miyada em ensaio inédito, por ocasião da individual de Miguel Rio Branco no Oi Futuro, Rio de Janeiro, em 2017.

Maldicidade, série em andamento de Miguel Rio Branco, existia, até então, como fotolivro, publicado em 2014 pela CosacNaify, e como obras únicas ou conjuntos narrativos (polípticos) de fotografias feitas, ao longo da trajetória do artista, em diferentes cidades às quais sua carreira internacional o levou. Primeiro como filho de diplomata, começando com pintura, até o final dos anos 1960, depois como diretor de fotografia em documentários do cinema nacional e, em seguida, como correspondente da agência Magnum, nos anos 1980. Finalmente, como artista multidisciplinar, expôs em instituições como The Art Institute of Boston; Foto Forum, Frankfurt; Aperture’s Burden Gallery, NY; Maison Européenne de La Photographie, Paris; Rencontres d’Arles; Museu de Arte Contemporânea de Tóquio; Casa América, Madri; Kulturhuset, Estocolmo; e MASP; além de ser um dos contemplados com um pavilhão no Instituto Inhotim. Em junho de 2019, a Galeria Luisa Strina tem o prazer de apresentar a exposição individual *Maldicidade*, com cerca de 20 obras. Na abertura, o artista lança o livro homônimo, em nova edição, pela editora alemã Taschen.

Ainda que haja novidades na série *Maldicidade*, o ensaio de Miyada segue atual e preciso. A cidade é uma só. Todas as obras selecionadas por Rio Branco para a individual na galeria mostram a metrópole pulsante, entre exuberância e miséria, entre cores vibrantes e vapores noturnos, entre abstrações poéticas e denúncias francas. Qual grande cidade pode dizer que desconhece esses contrastes? Mesclando fotos publicadas em 2014 a outras, novas, que serão conhecidas apenas no livro da Taschen e na exposição, o artista não considera relevante pensar a imagem nestes termos – “novo”, “inédito” etc. – pois, segundo ele, “o inédito é a construção e a intenção”, ou seja, a

edição de um livro ou de um grupo de fotografias para serem ampliadas, a sequência em que são apresentadas as imagens, o contexto em que cada instantâneo é colocado para dialogar com os demais – por aproximação ou repulsa –, formal, narrativo, de cores e assim por diante, cria sempre uma experiência inédita.

“A versão da Taschen tem uma nova dinâmica, talvez um pouco menos melancólica, mas dando importância, além da construção, também à leitura completa de cada imagem. Entramos em detalhes que no formato pequeno não conseguimos ver. Acaba se transformando em outro livro. Um pouco como interpretações musicais jazzísticas. Meu trabalho, em uma exposição na galeria da Magnum, em Paris (1985) foi definido, meio como crítica, por um fotógrafo, Denis Stock, como se eu tentasse criar música com fotografias: talvez o maior elogio que já fizeram sobre a obra”, afirma Miguel Rio Branco sobre o livro.

Desde 1977, com “strangler in a strangled land” e com a exposição Negativo Sujo (1978), vindo da pintura e do cinema, o artista começou a criar narrativas poéticas com montagens feitas com grupos de fotografias; já naquele momento, a ideia de foto única, “instante decisivo”, não lhe bastava, o campo da imagem, para ele, precisava de um contexto narrativo visual. “Um conjunto de peças consegue ganhar um formato final no diálogo entre elas, da mesma maneira que outras, por força individual, não precisam nem conseguem entrar em conjuntos, são mesmo completas individualmente. O cimento que as une em diversas construções é o que cria o ritmo e os conceitos que finalizam, mesmo que provisoriamente, as obras”, explica.

Seguindo esta lógica, na exposição Maldicidade o visitante depara, por exemplo, com o díptico Preto e Rosa com Bandeira, espécie de encontro perfeito entre padronagens geométricas – uma em ambiente interno, outra flagrada na rua – que apresentam, ambas, um elemento em estado de suspensão, o “punctum” de ambas, para falar com Roland Barthes, que as une, ou que cimenta, ainda que provisoriamente, a construção do díptico. Entretanto, próxima ao conjunto, o espectador pode contemplar Sapatos Azul e Vermelho, mostrada como peça individual, com toda a sua força narrativa, sem a necessidade de outra imagem que a complementa, ainda que, na mais recente edição da Bienal de São Paulo, a mesma obra tenha sido vista dentro de um políptico, intitulado Geometria do Desejo.

“O meu trabalho é como uma maré de imagens que podem tomar direções diversas, como um mar de imagens que criam discursos poéticos que desmancham, muitas vezes, sua capacidade apenas documental, criando outros significados. Criam ritmos e sentidos que desmancham uma proposta apenas de retrato da realidade.”

Depois de Negativo Sujo, Rio Branco mostrou, na Bienal de São Paulo de 1983, uma peça audiovisual chamada Diálogos com Amaú, composta de cinco telas translúcidas sobre as quais era projetada uma sequência de imagens de um menino surdo-mudo kayapó dialogando com imagens de sua vida e da civilização branca que cercava sua aldeia. “As conexões tinham um ritmo próprio, mas criavam relações aleatórias, porém significantes pela escolha das imagens; a obra se situa na área do que Hélio Oiticica definia como Quase cinema”, conta o artista. Este trabalho está permanentemente exposto no pavilhão dedicado à obra de Rio Branco em Inhotim, e é considerado uma das obras mais icônicas da fotografia expandida brasileira.

Ainda sobre o livro e a sua relação com as grandes metrópoles, Rio Branco afirma que “as mudanças foram mais por questões relacionadas ao novo tamanho e à cidade que me atrai, claro que nem todas, muito menos as nossas que ficam cada vez mais estruturalmente precárias, mas MALDICIDADE veio de uma mistura do francês “mal d’amour’, dor de amor, e maldita cidade: às vezes sinto repulsa e, outras, atração. Mas continuo achando que as cidades estão em um caminho irreversível de terror depois de um certo tamanho, depois de um exagero de milhões de pessoas. Não acho saudáveis as grandes concentrações de gente; hoje, me parecem grande atrativos para o desastre”.

SOBRE O ARTISTA

Nascido em 1946, em Las Palmas de Gran Canaria, Espanha, Miguel Rio Branco vive e trabalha em Araras, Rio de Janeiro. Formado no New York Institute of Photography e na Escola Superior de Desenho Industrial, Rio de Janeiro, começou a expor fotografias e filmes em 1972, desenvolvendo um trabalho documental de forte carga poética. Nos anos 1980, foi aclamado internacionalmente por seus filmes e fotografias na forma de prêmios, publicações e exposições, como o Grande Prêmio da Primeira Trienal de Fotografia do Museu de Arte Moderna de São Paulo e o Prêmio Kodak de la Critique Photographique, de 1982, na França.

Exposições individuais recentes incluem: Nada levarei quando morrer, MASP – Museu de Arte de São Paulo (2017); Wishful Thinking, Oi Futuro, Rio de Janeiro (2017); De Tóquio para Out of Nowhere, Galeria Filomena Soares, Portugal (2016); Nova York Sketches, Magnum Photo Gallery, Paris (2016); e Teoria da Cor, Pinacoteca de São Paulo (2014).

Exposições coletivas recentes incluem: Southern Geometries, from Mexico to Patagonia, Fondation Cartier pour l’art contemporain, Paris (2018); 33ª Bienal de São Paulo (2018); Door into Darkness, Galerija Kula, Institute Haru – Milesi Palace e The Institute for Scientific and Artistic Work, Croatian Academy of Sciences and Arts, Split, Croácia (2018); 11ª Bienal do Mercosul, Porto Alegre (2018).

Possui obras no acervo de instituições como Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro; Museu de Arte Moderna de São Paulo; Museu de Arte de São Paulo; Centro George Pompidou, Paris; San Francisco Museum of Modern Art; Stedelijk Museum, Amsterdã; Museum of Photographic Arts of San Diego e Metropolitan Museum, Nova York.

Link

www.galerialuisastrina.com.br/exposicoes/maldicidade

+ Info

Galeria Luisa Strina
Rua Padre João Manuel 755
Cerqueira César 01411-001
São Paulo SP Brasil

Fone: +55 11 3088-2471
info@galerialuisastrina.com.br
www.galerialuisastrina.com.br